

O SINAL

Alice Gray

O jovem estava sentado sozinho no ônibus e passava a maior parte do tempo olhando pela janela. Ele tinha cerca de 25 anos, bela aparência e rosto bondoso. A camisa azul-marinho combinava com a cor de seus olhos. O cabelo era curto e bem penteado. Vez por outra, desviava o olhar da janela, e a ansiedade estampada em seu semblante tocou o coração de uma avó sentada do outro lado do corredor. Quando o ônibus já se aproximava dos limites de uma pequena cidade, ela sentiu uma compaixão tão grande pelo jovem que atravessou o corredor e pediu licença para sentar-se ao lado dele.

Após alguns momentos de conversa amena sobre o clima quente da primavera, ele disse inesperadamente:

- Fiquei dois anos na prisão. Saí esta manhã e estou indo para casa.

Suas palavras fluíram com mais facilidade quando ele contou que sua família era pobre, porém orgulhosa, e que seu crime trouxera vergonha e desgosto a todos. No decorrer daqueles dois anos, ele não recebeu nenhuma notícia deles. Sabia que eram muito pobres para fazer uma viagem tão longa até a prisão e que seus pais provavelmente se consideravam incultos demais para escrever.

Ele parou de escrever para a família por não ter recebido nenhuma resposta.

Três semanas antes de ser libertado, ele escreveu uma carta desesperada a seus familiares dizendo que lamentava muito ter causado tanto desapontamento a eles e pedindo perdão.

Contou-lhes que seria solto da prisão e que pegaria um ônibus para sua cidade natal, que passava em frente da casa onde ele havia crescido e onde seus pais ainda moravam. Disse que compreenderia se eles não o perdoassem.

Na tentativa de facilitar as coisas para a família, o jovem pediu que eles providenciassem um sinal que pudesse ser visto do ônibus.

Se eles o tivessem perdoado e o aceitassem de volta, deveriam amarrar uma fita branca na antiga macieira que ficava na frente da casa. Se a fita não estivesse lá, ele continuaria no ônibus, iria embora da cidade e da vida deles sempre.

À medida que o ônibus se aproximava de sua rua, o jovem foi ficando cada vez mais nervoso, a ponto de ter medo de olhar pela janela, porque estava certo de que não haveria nenhuma fita.

Depois de ouvir a história, a senhora perguntou:

- Você se sentiria melhor se trocássemos de lugar e eu me sentasse perto da janela para ver se a fita está lá?

O ônibus rodou mais alguns quarteirões e, em seguida, a senhora avistou a árvore. Ela tocou carinhosamente o ombro do rapaz e, sufocando as lágrimas, disse:

- Olhe! Olhe! A árvore inteira está coberta de fitas brancas!